

SESSÕES DO PLENÁRIO

36ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 14 de setembro de 2023.

PRESIDENTE: DEPUTADA NEUSA CADORE (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadão Baiano ao jornalista, pesquisador e escritor, Nelson Varón Cadena, a partir da proposição de minha autoria.

Convido para compor a Mesa o Sr. André Curvello, secretário de Comunicação da Bahia, que, neste ato, representa o governador, Jerônimo Rodrigues; o Sr. Ernesto Marques, presidente da Associação Bahiana de Imprensa (ABI); o Sr. Joaci Góes, presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e acadêmico da Academia de Letras da Bahia; o Sr. Emiliano José, ex-deputado federal, escritor e, também, acadêmico da Academia de Letras da Bahia; o Sr. Francisco Senna, arquiteto, historiador e acadêmico da Academia de Letras da Bahia; o Sr. Walter Pinheiro, presidente da *Tribuna da Bahia*; o Sr. Americo Neto, presidente da Associação Brasileira de Agências de Publicidade - Bahia (Abap-BA); Sr.^a Vera Rocha, conselheira do Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia (Sinapro-Bahia), que, neste ato, representa o presidente do sindicato, André Mascarenhas; o Sr. Roberto Albuquerque Sá Menezes, presidente do Grupo de Apoio à Criança com Câncer; o Sr. Pedro da Rocha, diretor financeiro da Central de Outdoor, que, neste ato, representa o presidente, Vinicius Linhares; o Sr. Ivan Lopes, presidente do Sindicato das Empresas de Publicidade Exterior no Estado da Bahia (Sepex-BA); e o Ex.^{mo} Sr. Livaldo Britto, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia. (Palmas)

Solicito ao Cerimonial que conduza a este recinto o nosso homenageado, o jornalista, pesquisador e escritor, Nelson Cadena. (Palmas)

(O homenageado é conduzido ao Plenário.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Convido todos para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Queremos convidar, também, para compor a Mesa, o Ex.^{mo} Sr. João Gomes, representando a ABMP. Ele também é superintendente do Grupo Aratu, um querido amigo. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Como proponente desta sessão especial, farei o meu pronunciamento. Vou quebrar o protocolo e irei à tribuna em homenagem a Nelson e a todos vocês, para podermos destacar a importância e a contribuição dele para a nossa Bahia.

O Sr. ROBINSON ALMEIDA: Bom dia a todos e a todas, eu quero agradecer imensamente a presença de cada um de vocês nesta Casa, para hoje, que é um dia especial. Quero cumprimentar o secretário André Curvello, querido amigo que está aqui representando o governador Jerônimo Rodrigues. Em seu nome, quero cumprimentar todos os representantes de órgãos governamentais.

Quero cumprimentar os profissionais do mercado publicitário, presentes e representados na Mesa; os acadêmicos aqui, há vários hoje nesta Mesa: Joaci; Emiliano; Vera, que é a única mulher na Mesa, mas se juntar todos os homens não chegam à metade da sua história, do seu trabalho, da sua competência. (Palmas) Professor Lidivaldo, desembargador, um mestre para a gente, um orientador.

Sejam todos bem-vindos! Nelson, em especial, e Walter, amigo querido da *Tribuna da Bahia*. Eu aqui também revejo pessoas com quem eu convivi mais diretamente durante 8 anos, quando atuei como secretário de Comunicação da Bahia. Então, para mim, especialmente, é um momento de reencontro com pessoas queridas, com quem formei amizade, relacionamento e, nesse momento, Nelson nos uniu para que a gente pudesse celebrar essa data especial.

(Lê) “Bom dia, baianas e baianos. Bem-vindos à solenidade que torna cidadão baiano Nelson Varón Cadena!

Início esta solenidade, meus amigos e minhas amigas, recordando um trecho da canção *Você já foi à Bahia?*, de Dorival Caymmi. E é porque ela diz um tanto do nosso homenageado de hoje, Nelson Cadena.

‘Você já foi à Bahia?

Não?

Então vá!

Quem vai ao Bonfim,

Nunca mais quer voltar

Muita sorte teve

Muita sorte tem

Muita sorte terá (...)’

Nelson, não por acaso, adora o Bonfim, e é um estudioso da magnífica manifestação religiosa, popular e cultural que é a Lavagem do Bonfim.

Natural de Bogotá, na Colômbia, ele chegou à Bahia em 1973. Veio de passagem, depois de uma temporada na Amazônia, onde lhe recomendaram conhecer a Bahia. Assim ele o fez, por curiosidade. Desembarcou em Itabuna no dia 6 de setembro daquele ano. Era uma quinta-feira, Nelson, como hoje.

No Dia da Independência do Brasil, 7 de setembro – ressalte-se que sabemos que a Independência do Brasil se consolidou na Bahia, no 2 de Julho, ou seja, a Independência do Brasil, para os baianos, é o 2 de Julho e não o 7 de Setembro –, Nelson Cadena chegou a Salvador, a primeira capital do Brasil. Queria conhecer Arembepe e sua mística aldeia hippie, que já tinha recebido turistas famosos, como Mick Jagger e Janis Joplin. Sua estadia seria passageira, pois seu propósito era desbravar o mundo.

Na terra mãe do Brasil, Nelson viu que o mundo, meus amigos, é o estado da Bahia! Conheceu um pouco da nossa baianidade...” – essa característica ímpar, esse jeito exclusivo de sermos, do nosso comportamento, da nossa cultura, do nosso jeito – “(...) e o calor do povo baiano, a nossa rica cultura, a magia dessa terra dos encantados, abençoada por Deus, protegida por todos os santos.

Itapuã e a Ilha de Itaparica consolidaram sua paixão por nossa terra. E aqui, ainda na década de 1970, meio como Dom Pedro fez, em 9 de janeiro de 1822, Nelson também deu o grito do fico e não mais nos deixou...”

Nelson também tem o seu Dia do Fico, que pode ser registrado nos Anais que aconteceu na década de 1970, em 9 de janeiro, assim como Dom Pedro.

(Lê) “(...) O homenageado conta um pouco dessa história. Isto é o próprio Nelson: ‘Itapuã foi meu batismo baiano, talvez por isso tenha tanto apego ao bairro e às suas tradições. Abaeté foi meu berço; Itaparica minha purificação’.

Foi, como se percebe, uma história de amor, de acolhimento, como confidencia o homenageado, que se tornou pai de cinco baianos...” Talvez aqui seja uma de suas grandes obras, porque nós dizemos, Nelson, quando perguntam se nós somos baianos, nós respondemos: “Eu mereço.” Ser baiano é um merecimento, e você proporcionou esse merecimento aos seus cinco filhos: Manuela e Tiago, aqui presentes; Daniel; Paloma e Nelson Filho. E você também tem seis netos: o Lucas, aqui presente; a Cecília; a Clarisse; o Caio; a Elisa e o Cauã.

(Lê) “(...) Essa introdução de Nelson Cadena na Bahia revela um tanto do que esta terra tem. É preciso viver para entender, se encantar e se apaixonar. Não foi à toa, Nelson, que outros artistas consagrados, como Carybé, Pierre Verger, Frans Krajcberg e tantos outros fixaram residência aqui e, como você, se tornaram baianos por paixão e – por que não? – por essência.

Nelson Cadena, vocês sabem, é jornalista, publicitário, escritor e pesquisador no campo da comunicação. Também é diretor de cultura da Associação Bahiana de Imprensa. Qualquer uma ou qualquer um que se coloque a estudar história da comunicação na Bahia, obrigatoriamente, terá em Nelson Cadena, nos 18 livros e mais de 3 mil artigos, crônicas e colunas que escreveu, uma fonte inesgotável desse conhecimento que ajuda a preservar a memória desse importante instrumento à civilização e à democracia que é a comunicação.

Entre esses livros estão: *Brasil: 100 Anos de Propaganda*; *450 Anos de Propaganda na Bahia*; *Olhares de Rua*, título que conta a história da mídia exterior na Bahia; e *A Cidade da Bahia*, que traz fotografias antigas de Salvador.

Além da escrita, inclusive com contribuições para os jornais *A Tarde*, *Tribuna da Bahia* e *Correio*, Nelson também tem destacada contribuição na produção de documentários e conteúdos voltados ao audiovisual baiano. Destaquem-se os 104 minidocumentários, exibidos entre 1999 e 2000. A metade deles, meus amigos, minhas amigas, com a temática dos 450 anos de Salvador; a outra metade, voltada à celebração dos 500 anos da chegada portuguesa ao Brasil.

Nosso homenageado também tem importantes contribuições para a cultura da Bahia. Foi ele que criou, por exemplo, o Arraiá da Capitá, que tanto valorizou nossa

cultura e tradições nordestinas; a *Feira Internacional da Agropecuária* (Fenagro), que ajuda a fortalecer também nossa economia rural; e a travessia internacional da Baía de Todos-os-Santos a nado, evento que reuniu atletas de 18 países e ajudou a fortalecer o turismo baiano.

Hoje, uma quinta-feira, 14 de setembro, 50 anos e 8 dias depois de chegar ao nosso estado, estamos reunidos, em nome da Assembleia Legislativa, para homenagear um homem que escolheu a Bahia como sua terra-mãe no Brasil, que dedica a sua vida para o desenvolvimento e fortalecimento da comunicação e da cultura baiana.

Nesse dia especial, portanto, esta Casa das Leis, em nome do povo baiano, concede ao nosso homenageado, o jornalista, publicitário, escritor e pesquisador, Nelson Varón Cadena, o Título de Cidadão Baiano.”

Na verdade, nós estamos fazendo um reconhecimento porque, de fato, você já é baiano, há 50 anos. Hoje, nós vamos te dar um título de direito porque você se confunde com a comunicação, com a história da comunicação, com a divulgação dos grandes acontecimentos aqui na Bahia e com a interpretação do produzir, do fazer propaganda na Bahia. Você é uma personalidade que já virou símbolo da Bahia.

A Bahia que gerou, ao longo da sua existência, vários ícones, vários personagens que se transformaram em síntese da nossa cultura, da nossa forma genuína de ser, e você se encaixou nesse tabuleiro, você faz parte dessa nossa montagem em que os acontecimentos vão juntando as peças. Você, hoje, é uma peça muito reluzente, muito brilhante, que todos admiram, todos gostam e é uma fonte de sabedoria inesgotável para aqueles que querem conhecer um pouco mais da Bahia.

Você não tem a dimensão dos admiradores anônimos que você tem. Quando eu divulguei a realização desta sessão nas minhas redes sociais, recebi vários comentários de pessoas que são seus leitores, que admiram a sua forma de prostrar sobre a Bahia e de contar a nossa realidade. Então você é um querido de todos nós, com uma participação muito importante nessa nossa quadra. Hoje, aqui, é um reconhecimento desse merecimento que você trouxe da Colômbia para o Brasil.

E eu não sei se não tem um gene baiano na Colômbia e que você, efetivamente, foi um acidente de percurso, por ter nascido lá e não ter nascido aqui. Porque olhar para você é olhar para a nossa Bahia mestiça; é olhar para a nossa Bahia indígena; é olhar para a nossa Bahia criativa; é olhar para a nossa Bahia alegre. Você é um baiano legítimo! Diria mais: você é um soteropolitano legítimo. Você é a cara do povo de Salvador, da nossa forma de ser, Nelson Cadena. (Palmas)

(Lê) “(...) A homenagem é merecida em razão da significativa contribuição de Nelson Cadena para a atividade jornalística, a produção cultural e a preservação e valorização da história da comunicação na Bahia. São quase 50 anos de residência e de exaltação da Bahia, com intensa presença e cooperação para o desenvolvimento da sociedade baiana.

A Bahia te abraça, nosso conterrâneo.

Viva ao baiano Nelson Cadena!” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Assistiremos agora a um vídeo com depoimentos a respeito do nosso homenageado.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Registro e agradeço as presenças, nas galerias, dos estudantes do Colégio Estadual Clériston Andrade. Sejam muito bem-vindos.

Agora, registro as presenças de: Sr.^a Suely Temporal, vice-presidente da ABI (Associação Bahiana de Imprensa); Sr. Marcelo Rolemberg, conselheiro do Sinapro-BA (Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia); Sr. Eduardo Moraes de Castro, presidente de honra do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB); Sr. Leonardo Cesar, sócio da Viamídia Publicidade; Sr. Jorge Ramos, segundo-secretário da ABI (Associação Bahiana de Imprensa); Sr. Adriano Linhares, diretor financeiro da A Linhares Outdoor; Sr. Geanderson Sacramento, coordenador de Marketing Digital da Sinapro-BA (Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia); Sr. Clóvis Eugênio de Lima, diretor-presidente da SLA Propaganda; Sr. Eduardo Fonseca, sócio da Engenhonovo; e Sr.^a Jaciara Santos, diretora de Comunicação da ABI (Associação Bahiana de Imprensa).

Concedo, agora, a palavra ao escritor e ex-deputado federal Emiliano José.

O Sr. EMILIANO JOSÉ: Saúdo o deputado Robinson Almeida, querido amigo e companheiro, pela extraordinária iniciativa de reconhecer um baiano antigo, porque é isso que você está fazendo, reconhecer um baiano de muitas décadas. Por isso, queria dizer da minha alegria ao vê-lo homenagear Nelson Varón Cadena.

Quero saudar o colega de profissão e amigo muito querido André Curvello, representante do governador Jerônimo Rodrigues; o nosso amigo Lidivaldo Britto, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia; Joaci Fonseca de Góes, presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e acadêmico da Academia de Letras da Bahia; o companheiro e colega de profissão Ernesto Marques, presidente da ABI; Francisco Senna, arquiteto, historiador e acadêmico da Academia de Letras da Bahia; Walter Pinheiro, querido amigo e presidente da *Tribuna da Bahia*, minha casa de origem; Américo Neto, presidente da Associação Brasileira de Agências de Publicidade (Abap-BA); querida Vera Rocha, conselheira do Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia (Sinapro-BA), uma companheira de longo curso por tudo, a quem homenageio com muito carinho; Roberto Sá Menezes, presidente do Grupo de Apoio à Criança com Câncer da Bahia (GACC-BA); Pedro da Rocha, diretor-financeiro da Central do Outdoor, na Bahia; Ivan Lopes, presidente do Sindicato das Empresas de Publicidade Exterior do Estado da Bahia (Sepex-BA); João Gomes, superintendente da *TV Aratu* e vice-presidente da ABMP; e o querido Nelson Varón Cadena.

Eu, obviamente, não esperava ser chamado para usar da palavra. Nelson me convidou para estar presente. Disse que eu estaria à Mesa. Mas eu não imaginava usar da palavra. Porém, como a palavra me é dada, eu faço questão de homenagear o nosso Nelson.

Devo dizer a ele que o primeiro encontro com Nelson foi com a filha dele. A filha dele, Paloma Varón, é de uma inteligência especialíssima. Eu nem sabia que ela era filha de Nelson. Mas ela foi minha aluna e uma boa aluna. Ela, agora, está em Paris, já ganhou a Europa pelo talento, pela capacidade dela. Ela chegou. Eu era professor. Acabei

orientando-a. Além de dar aula, eu orientei o trabalho final de curso dela. Tratava-se sobre o Grupo Moisés.

O Grupo Moisés foi um grupo de religiosos, sobretudo, a partir do Mosteiro de São Bento, mas não só, um grupo de religiosos que pensava, como religiosos, a luta contra a ditadura e teve um papel essencial na elaboração de um documento da época, de 1973, segundo o lema “Eu ouvi os clamores do meu povo”.

Bem, ela, Paloma, fez um belo trabalho. Quanto ao livro, eu o tenho cobrado. Até falei com Ernesto. Estou falando com você. Ela tem muito interesse. Aliás, livro não, é um trabalho de final de curso, mas que é muito citado já em “n” trabalhos. Eu disse que precisa ser transformado em livro mesmo. Eu estou convidando e falando publicamente. Espero que a ABI se interesse por esse livro, porque é muito citado em várias publicações.

Muito bem. Estou lembrando isso para dizer que o que me aproximou mais de você foi sua filha. Eu sei que, ao dizer isso, eu estou dizendo o seguinte: quem sai aos seus não degenera. Ela o acompanhou em talento, dedicação e capacidade de pesquisa.

Ela me alertou um dia. Professor é um bicho meio complicado, né? Ela me alertou um dia. Eu dei a nota 9 em um trabalho dela. Ela, muito ousada, me disse assim: “Professor, por que você não dá 10?” Aí, eu fui obrigado a refletir sobre isso. Por que aquele cuidado assim? O que eu queria? A perfeição? Ela estava me dizendo isso. E a partir dali, eu comecei, quando fosse o caso, a dar a nota 10. Ela me alertou. Era uma menina muito ousada e talentosa.

Então, foi ali que eu fui me aproximar de Nelson Varón Cadena, de longe e próximo. Volta e meia, nós nos falamos.

Aí, fui conhecer um pouco. É uma ousadia dizer isso. Eu tenho a impressão de que Nelson queria ser guerrilheiro no Araguaia, porque ele se meteu pela Floresta Amazônica. Acho que ele imaginava fazer a guerrilha, lá. Ele foi pertinho da Guerrilha do Araguaia.

Mas, aí, ele deve ter pensado o seguinte: “Olhe, rapaz, esse negócio é barra pesada.” Quando ele chegou, eu estava preso. Ele deve ter pensado: “Olhe, guerrilha não é coisa para qualquer um não. Deixa eu viver, porque, ali, na guerrilha, naquele lugar por onde ele entrou, vindo da Colômbia...”

Eu aproveito para saudar, porque a Colômbia vive um momento riquíssimo. Aliás, a terra natal dele vive um momento muito rico.

Bem, aí, ele pensou e disse: “Olha, deixa eu caminhar pelo barato legal.” Essa era a expressão como a gente chamava à época. Ele sabe disso. Ele enveredou pelo barato legal.

E este caminho, percorrido por ele, nos legou um homem de sete instrumentos. Digo isso porque ele foi tudo, um empreendedor, um sujeito que subsidia continuamente atividades, as mais variadas. O mundo publicitário está aqui para demonstrar isso. Isso lhe dá sustentação e subsídio permanentes, pois tem uma cabeça que vive a pensar coisas novas, de toda natureza.

Este é um sujeito que pensa em Arraiá da Capitá e em Fenagro. Pensa-se que vai ficar nesse mundo, né, no mundo empresarial e tal. Não. Esse é um aspecto da vida dele, talvez, nem a mais rica, porque ele se tornou um cronista da vida baiana, extraordinário cronista. Mas dizer cronista é pouco.

Ele se tornou um pesquisador a quem nós, que lidamos com o mundo da Bahia, temos de ir atrás para saber. Volta e meia, eu ligo para ele: “Rapaz, e isso e aquilo?” Ele me ajuda.

Em um outro dia, eu estava atrás de um comunista da década de 1950. Ele falou: “Vá ali. Está aqui.” Ele domina da direita à esquerda. Na pesquisa dele, é isso mesmo. Pesquisador é isso. Por isso, nós podemos ter perdido um guerrilheiro, mas ganhamos um extraordinário pesquisador.

Hoje, nós, todos e todas, estamos abraçando-o como a um antigo baiano. Antigo já que disse: “Bom, na guerrilha, eu não vou ficar não, no Amazonas. Eu vou para aquela terra, a Bahia. Eu vou parar em Arembepe, Itapuã ou Itaparica. E, aí, eu vou seguir a vida!”

Ele nada, até hoje, nas águas da Bahia.

Você já foi à Bahia, nega? Ele falou: “Eu vou!”

Abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Registro e agradeço as presenças de: Sr. Calmon Teixeira, procurador da ABI e jurista; Sr. Raimundo Vieira, diretor da ABI; Sr.^a Silvana Cunha, executiva da Associação Brasileira de Agências de Publicidade; Sr. Ricardo Chaves, cantor e compositor; Sr. Marins, tenente-coronel e subcomandante da PM; Sr.^a Anaíçara Góes, diretora de Atendimento, da agência Objectiva; e Sr. Claudio Carvalho, sócio-diretor da Viva Mídia.

Concedo a palavra a Ernesto Marques, presidente da Associação Bahiana de Imprensa.

O Sr. ERNESTO DANTAS ARAÚJO MARQUES: Saúdo o deputado Robinson Almeida e meu querido colega e amigo Nelson Varón Cadena.

Eu peço a todos para fazer uma saudação única à Mesa, não apenas para quebrar o protocolo, mas para fazer um registro especial. Eu saúdo toda a Mesa na pessoa de Vera Rocha, única mulher à Mesa. Ela já estava reclamando ali. (Palmas) E me permitam saudar todos da plenária na pessoa da primeira mulher a assumir a presidência da ABI, a minha colega e jornalista Suely Temporal. (Palmas)

Meus amigos, esta pode parecer, apenas, mais uma sessão especial de outorga do Título de Cidadão Baiano. Mas não é. Dependendo dos olhos e, sobretudo, do coração de quem esteja neste plenário ou mesmo de quem nos acompanha pelo canal TV ALBA, podem ser vistos outros personagens invisíveis aos olhos de céticos, incrédulos e pessoas sem imaginação.

Vocês podem duvidar. Eu não poderia condenar que não veja presenças ilustres de criaturas fantásticas que acompanham Nelson Varón Cadena desde que ele decidiu ser papa, ainda criança. Sim, ele quis ser papa. Certamente, os pais e as tias freiras o convenceram das agruras que ele precisaria enfrentar até chegar ao Vaticano.

O pai era médico, da Praça de Touros, de Bogotá. Talvez, tenha se enchido de esperança em ver o seu rebento acompanhando nas artes de Esculápio, trazendo, de volta, para o mundo dos vivos, quem os touros furiosos seriam de morte com chifradas. Mas o menino desistira de ser papa e queria ser toureiro, para desespero da mãe. E se a família

soubesse da opção definitiva, teria preferido vê-lo em um seminário a vê-lo enfrentando touros em Bogotá

Ele resolveu ser hippie no Brasil. E, graças a essa decisão tresloucada e completamente insana, que deixaria qualquer um de nós em desespero se qualquer dos filhos tivesse ideia parecida, nós estamos, aqui, hoje.

Ele já descreveu a sua jornada, já fez muitos amigos rolares de rir ouvindo as suas histórias. Um pequeno resumo disso está na entrevista que Nelson Varón Cadena concedeu à *Revista Memória da Imprensa*, na quarta edição.

Eu aproveito para convidar todos para o lançamento dessa revista, no próximo sábado, a partir do meio-dia, no Auditório Samuel Celestino, em nossa sede.

Essa entrevista, cuja síntese está na quarta edição, vai ser lançada, então, neste sábado. E, daqui a pouco, ele próprio vai, certamente, contar alguma coisa e alguns lances dessa história de absoluto realismo fantástico.

É necessário corrigir, primeiro, uma informação biográfica, antes de mais nada. Cadena deixou de ser cidadão de Bogotá há muito tempo, muito antes de se conceber e nascer soteropolitano, bem parido, nas sarjetas e nas ruas de Salvador. Ele, na verdade, nasceu em Macondo. Ele esconde isso, mas ele nasceu em Macondo. Ele é um personagem de Macondo, cidade-irmã de Salvador, em magias e encantos.

Nasceu, portanto, aos 19 anos, este cidadão “colombaiano” numa aldeia indígena perdida na Floresta Amazônica, depois de uns goles de um chá diferente quando, então, ele resolveu que não seria mais cidadão colombiano, que seria cidadão do mundo.

Então, doidão como estava, queimou todos os seus documentos de colombiano, inclusive o seu passaporte. Mirou a África. Mas aportou em Salvador. E não foi por preguiça de atravessar o oceano de carona como clandestino em algum cargueiro. Isso era, apenas, o destino magicamente traçado por seres especiais, mentores, também, doidões, com certeza, que acompanhavam aquele jovem de barba e cabelos enormes e que, certamente, estão entre nós, conversando com personagens deste painel de Carlos Bastos.

Vejam o que diz Nelson Cadena. E não há por que duvidar. “Minha primeira noite, em Salvador, seria no Farol da Barra. Mas não aguentei. Fui parar na Lagoa do Abaeté.” Esta é uma das tantas provas de que esta Casa não homenageia uma pessoa normal, nesta manhã de 14 de setembro.

Quem, em 1973, quando a distância entre os faróis da Barra e de Itapuã equivalia sair de Salvador para Bogotá poderia começar a procurar um canto para dormir entre as pedras do Farol da Barra e decidiu, de repente, assim, num estalo, dormir nas dunas do Abaeté? Cadena fez isso.

Como imaginar que um gringo cabeludo e maltrapilho iria cair nas graças de um aristocrata como Jorge Calmon, um dos maiores nomes da história da imprensa brasileira. Jorge Calmon, talvez, tivesse descartado Nelson Cadena pela aparência andrajosa, como ele se apresentava, naqueles tempos de hippie, oposto ao estilo do mais longo chefe de redação de todos os tempos da imprensa baiana. O Dr. Jorge Calmon estava, sempre, muito bem-vestido em ternos bem cortados, invariavelmente, adornados, com aquele lençinho no bolso do paletó.

Já Junot Silveira não se assustou com o barbudo cabeludo barrado pelo porteiro do jornal *A Tarde*. Na primeira vez em que ele chegou, ele foi barrado na portaria. Então Junot deixou ele entrar para a redação, onde o idioma o aproximou de Jorge Calmon, por uma necessidade que esses encantados que acompanham o Nelson Cadena cuidou de arrumar.

O telex recebia as notícias das agências internacionais e da UPI. Por alguma razão, não mandava mais nenhum texto em português, só em espanhol. Quem estava lá e falava espanhol? Nelson Varón Cadena!

Pronto! Talvez isso explique o apego ao sotaque. Se se conhece melhor a nossa história do que a maioria de nós baianos, ele já poderia falar o nosso idioma melhor também do que qualquer um de nós. Ele conhece baianês, a história dos nossos termos, do nosso jeito singular de falar, de falar português. Mas ele não abre mão desse sotaque.

O fato é que se fosse pela aparência e pelo sotaque, Nelson Cadena teria perambulado como mais um morador de rua, até fazer o seu destino em algum outro canto. E ele está aqui! E nós estamos aqui para abraçá-lo, graças ao olhar de Junot Silveira. Quase tão aristocrático quanto Jorge Calmon, Junot se despiu de preconceitos para enxergar o que havia abaixo daquela cabeleira, outrora farta. O preconceito teria nos privado dos mais de 4 mil artigos publicados, livros e crônicas e de um grande amigo. O preconceito teria nos privado da honra de considerar Nelson Varón Cadena, com muita justiça, mais um cidadão baiano.

E, a partir dessa história de Cadena e de um outro encantado, fazendo, agora, 93 anos, como a nossa ABI, o fotojornalista Anísio de Carvalho, cujo catálogo da exposição Ginga Nagô, ainda em cartaz no Museu de Imprensa, vai ser lançado, também, no sábado, no Auditório Samuel Celestino. E, com esses encantados, a gente pode fazer uma ideia de quantos talentos e quantas vidas fantásticas são desperdiçadas pelo racismo e pelo preconceito.

Anísio, também, veio para cá, sem muito projeto, sem muito plano. Começou a trabalhar como empregado doméstico. Hoje, ele é um ícone da imprensa baiana.

A terra que acolheu Nelson Cadena é mesmo cidade-irmã da fantástica Macondo, como atestou Jehová de Carvalho, em *A Cidade Que Não Dorme*, uma terra preta e racista, cosmopolita e provinciana, opulenta e miserável, generosa e cruel. Tudo ao mesmo tempo. Feliz e triste a nossa dessemelhante Bahia, terra de muitos preconceitos, sim, de muita discriminação, sim, de muita resistência, também.

Terra dos pretos doutores, como Juliano Moreira, que não seria o pai da psiquiatria brasileira se fosse tratado, apenas, como o filho de um acendedor de lampiões e de uma ex-escravizada.

Assim como nós nos encantamos com a história fantástica da vida incomum de Nelson Cadena, ficamos, também, às vezes, emocionados quando vemos histórias de superação, de gente contrariando o que parece ser destino determinado e inescapável para fazer a vida parecer fantasia ou milagre. Nós vemos muitos seres assim entre nós.

Mas aprendemos a discriminar desde o berço. Nem sempre é fácil desaprender disso. Assim, hoje, quando reverenciamos tudo o que fez o cabeludo morador de rua Nelson Cadena, o maconheiro Nelson Cadena, o bebedor de chás, não recomendamos pela

Carta Magna, como diz outro cidadão de Macondo, acidentalmente, parido em Irecê, jornalista desta Casa, Franciel Cruz, hoje, quando homenageamos e reconhecemos este mesmo homem que queimou os seus documentos colombianos para ser cidadão do mundo, é importante e é oportuno pensar e refletir sobre preconceito e sobre discriminação.

Então, é oportuno agradecer, também, a Junot Silveira, que não deixou o porteiro do jornal *A Tarde* barrar o bicho-grilo, cheirando a quem não tomava banho há alguns dias...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) e a Jorge Calmon, por ter enxergado o talento escondido pela aparência.

Para concluir, deputado Robinson Almeida, peço licença para falar de um ato de reparação, iniciado, presidente Walter Pinheiro, quando o senhor lançou o livro dos 90 anos da ABI. Àquela altura, nós, ainda, estávamos lançando o livro com aquelas restrições da pandemia. Nelson Cadena foi, também, o autor do livro dos 50 anos da ABI, feito por encomenda de Dr. Jorge Calmon. Mas Cadena não foi convidado para o lançamento, e só recebeu um livro depois, dado por Vera Rocha. Um *hippie* não ficaria bem num salão cheio de autoridades engravatadas, bem ao estilo do lorde Jorge Calmon.

Em 2020, portanto, vivemos aquelas restrições da crise sanitária. Iniciamos, ali, uma reparação, porque lançamos o livro *ABI – 90 Anos*, de autoria de Nelson Cadena. Dissemos: “Cadena, dessa vez, você não só é convidado, como é o principal convidado do lançamento do livro.” Então, fica registrado que o livro dos 90 anos da ABI, também, é da lavra de Nelson Varón Cadena.

A Bahia reconhece Nelson Cadena. É esta a terra de histórias fantásticas que, realmente, só se vê na Bahia, porque, apesar das muitas mazelas, há, por aqui, uma maneira diferente de viver a vida, um jeito único de sofrer e resistir, conseguindo fazer todos os dias o que alguns classificam como milagres. É a nossa capacidade insuperável de desejar a felicidade, mesmo quando ela parece, apenas, uma fantasia como Macondo, como Salvador.

São essas personagens e histórias que inspiraram Jorge Amado, como inspiraram outro colombiano, também, jornalista e escritor, Gabriel Garcia Márquez a criar obras de ficção, baseadas nessa realidade absolutamente fantástica, na qual vivemos imersos.

Temos o privilégio de viver numa terra onde o improvável é possível, e o impossível só demora um pouquinho, mas acontece no ritmo, genuinamente, baiano, em desafio permanente à dimensão física do tempo.

Somos um povo cheio de defeitos tão singulares quanto às nossas maiores virtudes: uns e outros quase folclorizados com a nossa participação no tal jeito baiano de viver. Uma dessas marcas mais fascinantes é a nossa forma de exercício legítimo do nosso bairrismo igualmente singular. Nós, até, gostamos de esculhambar, satirizar, criar neologismos e usar toda a nossa criatividade e bom humor para falar mal de nós mesmos, também.

Somos bairristas. Mas nunca fomos xenófobo. Assim, o argentino Hector Julio Páride Bernabó renasceu como o artista baiano Caribé. O francês Pierre renasceu, aqui, como Fatumbi Verger. Todos, eternamente, baianos.

Como eles, vários outros estrangeiros vieram e fincaram raízes. Tudo o que ocorreu, desde aquela noite mágica até hoje, daria um bom livro. Certo? Deu mais do que isso, deu uma biografia que desejamos ver sendo escrita por mais algumas décadas ainda, acrescentando vários capítulos em livros que Nelson Cadena escreve, movido pela sua paixão de pesquisador e escritor ou por ‘*la plata*’. Claro, ele é um escritor que presta serviços e com a qualidade rara. Portanto, continuem contratando e encomendando livros a Nelson Cadena.

Assim, ele já nos brindou com esses livros preciosos sobre o nosso Carnaval, as festas populares, a história da propaganda, a história da mídia exterior que, recentemente, perdeu seu precursor.

Certamente, Zé Linhares estaria conosco agora, porque a combinação da generosidade de Linhares com a genialidade de Nelson Cadena fez coisas memoráveis pela comunicação baiana.

Por tudo isso, deputado Robinson Almeida, esta sessão é mais do que especial e tem, sim, componentes fantásticos, começando pelo título inusitado. Até aqui, a Assembleia outorgou Títulos de Cidadão Baiano para pessoas mais e, também, às vezes, menos merecedoras desta honraria.

Hoje, ao arrepio do Regimento Interno da Casa e contrariando o que os olhos céticos possam enxergar no diploma, Cadena vai receber, daqui a pouco, a sua honraria. A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia está outorgando, pela primeira e única vez, um título de cidadão a um “colombaiano”.

Viva a Colômbia, nação irmã do Brasil na solidão da América Latina!

Viva Nelson Cadena! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Tenho de registrar, por motivo de justiça, que o presidente da ABI acabou de falar, amigo querido, Ernesto Marques. Ele foi um dos grandes incentivadores para esta honraria. Todas as vezes, ele me perguntava: “Já aprovou o título de Nelson?” Eu lhe respondia: “Está esperando a sessão de aprovação.” Ele ficava me fiscalizando, Nelson, até o dia em que aprovamos a concessão deste título. Aí, eu falei: “Missão cumprida, presidente. Vamos marcar o dia da sessão para concessão do título.”

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Então, concedo, agora, a palavra ao presidente da *Tribuna da Bahia*, o querido amigo Walter Pinheiro.

O Sr. ANTÔNIO WALTER PINHEIRO: Bom dia a todos.

A exemplo do mencionado pelo querido companheiro Emiliano José, eu, na realidade, pensei, apenas, em ocupar a Mesa. Estava muito honrado e muito feliz por integrar toda esta equipe de ilustres juristas, enfim, membros da cultura, advogados da imprensa, deputados.

Mas, de qualquer maneira, saudar Nelson Varón Cadena é algo que emociona, é algo marcante, algo que muito me satisfaz. Eu estou aqui com muito prazer, Nelson.

Bem, na pessoa do nosso presidente da Mesa, deputado Robinson Almeida, gostaria de saudar todos os demais já mencionados, enfim, saudar todos os integrantes desta sessão.

Efetivamente, por tudo aquilo que já foi falado, tudo o que vem à cabeça é, mais ou menos, uma repetição agregada de alguns pequenos detalhes da vida que tivemos, tanto eu quanto o Nelson Cadena.

Primeiro, devo dizer que acho que a *Tribuna da Bahia* foi o primeiro veículo a abrigar os escritos do Nelson Cadena. Por volta de 1974, 1975, meu caro Joaci, lá estávamos quando chegou Nelson propondo fazer uma coluna sobre publicidade. Eu não tinha o maior conhecimento com o Nelson. Mas o sotaque me chamava a atenção. Eu dizia: “Mas a publicidade baiana, a propaganda baiana será retratada por alguém que está com esse forte portunhol?” Bem, mais alguns telefonemas, alguns amigos, algumas referências, e nós percebemos que era uma grande oportunidade.

Eu gostaria de lembrar, também, que foi o jornal *Tribuna* quem iniciou a abertura de colunas. A imprensa, até então, se prendia muito ao seu próprio material, de forma que, trazer colunistas, sejam locais, sejam de fora, foi algo que, àquela época, marcou muito a sua presença. A *Tribuna* estava com 6 ou 8 anos de atuação. Nelson, ali, começou e, evidentemente, prosseguiu nesta vitoriosa carreira.

Eu gostaria, também, de salientar que esta não é uma sessão comum. Esta é uma sessão, verdadeiramente, especial. Hoje, por coincidência, o presidente Adolfo Menezes participa da edição da *Tribuna*, quando ele salienta o desejo de criar mais critérios, rigorosos critérios para a concessão das comendas e medalhas, em especial, o Título de Cidadão Baiano e a Comenda Dois de Julho, para que essas comendas sejam outorgadas àquelas personalidades que tenham, efetivamente, as características próprias exigidas pela comenda, que tenham os serviços prestados.

Quando nós olhamos a vida de Nelson Varón Cadena e, aqui, já detalhado por alguns dos que me antecederam, ele não apenas se preocupou em pesquisar, em buscar detalhes, buscar fatos e promover livros. São 18 livros. Quem procura fazer um livro sabe das dificuldades que se tem ao elaborá-lo. Ele tem 18 livros publicados, sendo oito a 10 livros, a essa altura, sobre comunicação, sobre propaganda.

(O Sr. Presidente faz soar as companhias.)

Isso é uma censura? (Risos)

Então, verifica-se que a dedicação de Nelson foi um trabalho metódico de um analista, um pesquisador e algo perfeccionista. Acima de tudo, ele tem inúmeros e inúmeros serviços prestados, sejam à imprensa, sejam à publicidade, sejam à propaganda, sejam à Bahia.

Então, meu caro deputado Robinson Almeida, em razão disso, eu acho que a concessão deste título para Nelson se encaixa como uma luva. Realmente, é um reconhecimento muito válido que nos remete ao psicólogo Abraham Maslow, criador de uma teoria. Na verdade, ele hierarquizou as necessidades humanas ao colocar, em primeiro lugar, evidentemente, as necessidades fisiológicas, as necessidades de segurança, necessidade de amor, necessidade de status, necessidade de trabalho.

Mas há um determinado momento da vida em que a pessoa se sente realizada por tudo o que realizou. Porém, é muito importante que ela tenha o reconhecimento da comunidade à qual a pessoa prestou os seus serviços.

Então, isso é o que está acontecendo hoje em favor de Nelson Varón Cadena. Este é o novo cidadão baiano. Acho que orgulha, por demais, a terra, orgulha, por demais, todos nós, baianos, que nos sentimos muito felizes em tê-lo como um conterrâneo.

Parabéns, Cadena!

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Querido Walter, longe de qualquer censura, esta é a Casa da democracia. Você tem a liberdade toda do mundo para expressar o seu pensamento. Há um mecanismo que é acionado quando um tempo predeterminado é atingido. Eu pediria até que suspendam esse mecanismo para não criar sobressalto nos oradores.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Encerradas as falas, eu convido, representando o Sinapro-BA, Luis Eduardo Lima e Marcel, que querem prestar uma homenagem ao nosso baiano Nelson Cadena. (Pausa)

Estão aí Luis Eduardo e Marcel?

(Pausa)

Então, eu convido Vera Rocha.

Nelson, vá ao púlpito, porque há uma homenagem para te entregar.

Vera, por gentileza.

A Sr.^a Vera Rocha: Os colegas, que iriam fazer a entrega, devem ter tido algum problema e precisaram sair.

Então, eu vou, em nome do Sinapro-BA, formalizar o carinho, o afeto e o reconhecimento da grande contribuição que o Nelson deu e continuará dando sempre, não só à propaganda, mas à comunicação, à história, como falou o nosso querido Chico Senna, ao jornalismo, enfim, a tudo. Esta é uma lembrança singela, mas para marcar...

Eu vou pedir que tu leias no teu portunhol.

O Sr. Nelson Varón Cadena: (Lê) *“O Sinapro-BA tem a honra de ser um grande parceiro do cidadão colombaiano, o colombiano mais baiano que a propaganda conhece.*

A você, Nelson, o nosso muito obrigado por todos esses anos de trabalho e dedicação em prol dos mercados de propaganda baiano e brasileiro.

Você é nosso acervo vivo!

Viva Nelson Cadena, o amigo colombaiano!

Salvador, 14 de setembro de 2023”

Assinado pelo Sinapro-BA (Sindicato das Agências de Propaganda Estado da Bahia e pela Fenapro (Federação Nacional das Agências de Propaganda. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Neste momento, convido os filhos, Manoela Varón e Tiago Varón, e o neto Lucas Varón para fazermos a entrega do Título de Cidadão Baiano, concedido pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, ao homenageado Nelson Varón Cadena.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Tenho a enorme satisfação de passar a palavra ao nosso conterrâneo, o jornalista, pesquisador e escritor Nelson Varón Cadena. (Palmas)

O Sr. NELSON VARÓN CADENA: Bom dia a todos.

Primeiro, quero agradecer as presenças de vocês em um horário tão difícil. Todo mundo tem os seus afazeres e deixou os seus afazeres e os seus compromissos do dia a dia para poder vir me prestigiar. Fico muito grato ao rever tantas pessoas que fizeram parte da minha trajetória.

Infelizmente, há três pessoas muito importantes, para mim, que não estão mais aqui, porque já nos deixaram.

Um deles foi o Arthur Couto, diretor administrativo do jornal *A Tarde*, que me deu várias oportunidades. Foi através de Arthur que eu consegui realizar uma série de eventos esportivos, eventos culturais e em outras áreas. Chegamos a ter um departamento próprio que se chamava Departamento e Promoções de Eventos e funcionava fora da dependência do *A Tarde*. Isso acabou criando até um problema muito grande para nós, porque alguns acionistas do *A Tarde* não viam esse escritório com bons olhos, pois ele ficava do outro lado da rua, em outro prédio, alugado através de quatro salas do proprietário José Jorge Randam. Arthur nos deixou em 1990, se eu não estou enganado.

Mas eu quero falar de outra pessoa que foi Fernando Carvalho, diretor da Morya, que antigamente se chamava por Publivendas. Foi uma pessoa muito importante na minha trajetória. Fernando me abriu as portas em várias áreas, inclusive, na área da pecuária.

Quando eu saí do jornal *A Tarde*, ele me procurou para fazer um planejamento para transformar um evento que tinha na Bahia que se chamava Feira Agropecuária ou alguma coisa assim. Feira, não. Era... Esqueci. Só que esse evento nem constava nos catálogos nacionais. Daí, nós desenvolvemos a Fenagro, que passou a ser a Feira Nacional de Agropecuária.

O nome foi meu. A Publivendas criou a marca. Viajei com o Fernando e com o Arthur Couto para Esteio e para outras feiras agropecuárias. Nós fizemos contatos com expositores, fizemos contato com pecuaristas dos outros estados. Conseguimos trazer um monte de gente para a Fenagro. Depois, a Fenagro se transformou em um grande evento.

Há outra pessoa que eu queria fazer referência. Essa nos deixou recentemente. A família dele está aqui. Trata-se de José Linhares. Ele nos deixou há pouco tempo. Foi uma pessoa, também, muito importante na minha trajetória. Foram mais de 40 anos de amizade. Fernando e José Linhares foram pessoas que nos deixaram exemplos e legados.

Eu tive o privilégio de conhecer José Linhares muito mais do que eu o conhecia pessoalmente, quando eu fiz o livro em comemoração a uma data importante. Trata-se da obra *“90 Anos A. Linhares – a mais antiga empresa de mídia exterior do Brasil”*. Era a empresa de mídia exterior mais antiga do Brasil, que ainda existe e continua tendo uma liderança dentro do setor. Essa empresa já está na quarta geração. José Linhares era filho do fundador. Fazia parte da segunda geração. A terceira geração está com Adriana, que está aqui, e a quarta, com Gabi e Rafael, que não pôde vir porque já tinha uma viagem programada para o dia de hoje. Mas, deixando de lado essas lembranças que me

emocionam muito, eu queria dizer a Emiliano que ele poderia ter sido guerrilheiro, sim, mas não no Brasil, na Colômbia.

E vou contar uma história que pouca gente sabe. Eu só estou aqui por ter saído com 18 anos de idade... Roubei uma máquina Rolleiflex, que era do meu pai, e fui atrás da guerrilha colombiana, porque eu achava que poderia fazer uma grande reportagem, um fato, que eu poderia vender para uma revista chamada Cromos, que era correspondente ao que era a revista Cruzeiro aqui. E eu fui atrás da guerrilha: "Onde que tem a guerrilha aí?", fora as informações que se tinha dos jornais. E nessa busca da guerrilha, eu não encontrei a guerrilha. Não sei se foi bom ou se foi ruim, mas acabei encontrando uma colônia hippie num rio chamado La Miel, na Colômbia, que fica, depois me informei, a uns 40 quilômetros, mais ou menos, de onde havia uma célula, digamos, da guerrilha.

Mas a guerrilha colombiana também tem algum vínculo com a minha família. General Varón era o nome de uma célula da guerrilha colombiana, ou é até hoje, eu acho, das Farc. O general Varón era um cara muito ousado. Era bisavô de meu pai. E ele morreu de uma forma, assim, muito cruel, porque ele desafiou o governo, avisou ao governo que ia invadir uma determinada cidade. Disse: "Eu vou invadir essa cidade aqui." E invadiu. E ele foi trucidado, cortaram a cabeça dele, como se fazia naquele tempo, e penduraram numa estaca. Penduraram primeiro em um jegue, arrastaram ele pela cidade de Ibagué e depois penduraram a cabeça dele. Hoje, o general Varón foi homenageado com uma estátua lá na Colômbia, essas coisas.

Mas quando eu cheguei ao Brasil, realmente, eu entrei na Amazônia e acabei caindo naquela região do Araguaia. Eu fui até abordado por algumas pessoas do Exército que empurraram minha cara na areia, esfregaram assim, umas quatro pessoas, me imobilizaram, um braço para trás, até que alguém gritou: "Não, esse cara, não é, não. Vamos embora." Entraram no carro e saíram. Eu não sabia que existia a guerrilha do Araguaia, mas foi consequência de ele ter imaginado, ou pelo meu figurino ou alguma outra coisa, que eu tinha alguma coisa a ver com isso. E eu fui para São Félix do Araguaia. Em São Félix do Araguaia, eu conheci um índio lá que estava trocando cerâmica por cachaça, e conversei com ele de tudo que eu podia falar. E fui com ele até a Ilha do Bananal, onde vivem os índios carajás até hoje. Quando eu saí da Colômbia, o meu propósito era morar com os índios, eu pretendia morar com os índios. Estive próximo dos índios pirarrãs lá na Amazônia, mas na Ilha do Bananal, realmente na aldeia do Bananal... infelizmente, por apenas 24 horas, porque no dia seguinte eu fui preso pela Funai. Um índio me delatou. Um índio saiu da aldeia, foi até a Funai, e disse: "Tem um cara lá, um estranho". Aí, chegou um jipe, me prenderam. Eu estou falando que fui preso, mas, na verdade, lá não tinha prisão. Eles me colocaram num quarto e trancaram, me davam uma moringa com água de manhã, só que ia esquentando durante o dia, e as refeições.

No terceiro dia eu tive a sorte que faltou uma pessoa na mesa de pôquer do pessoal lá da Funai. Aí, apareceu um cidadão lá e disse: "Venha cá, gringo, você sabe jogar pôquer?" Eu falei: "Sei." "Então, vamos embora que está faltando uma pessoa na mesa."

E a partir desse dia saí do quartinho e fui dormir no quartel da Força Aérea Brasileira, da FAB, na casa do coronel Puccini. Fiquei um mês lá na Ilha do Bananal, jogando pôquer, curtindo, mas longe dos índios. Eu não podia sair de lá porque sempre que chegava um avião de Brasília, ou chegava um general, ou chegava um inspetor,

chegava alguma pessoa que não podia me ver lá, porque eu estava clandestino, eu não tinha a autorização. Até que, finalmente, um dia chegou um avião com mantimentos que iria retornar para Brasília e não tinha ninguém que pudesse delatar o que estava acontecendo lá na ilha.

E, aí, eu cheguei a Brasília. De Brasília fui pra Minas Gerais, de carona, e Rio de Janeiro. E foi assim que aportei em Itabuna, no dia 6 de setembro de 1973. Lá eu dormi na cadeia, mas não estava preso. Eu apenas cheguei a Itabuna e estava tudo inundado, a cidade estava totalmente alagada. A cadeia ficava num lugar próximo de uma igrejinha e tinha uma marquise. Assim, eu fiquei embaixo. Lá pelas tantas, um policial falou: "Venha dormir aqui porque ou você dorme aqui ou não tem como sair." A cidade, as ruas totalmente alagadas, como acontecem até hoje esses alagamentos. E o que aconteceu? Me trancaram lá dentro, numa cela. E no dia seguinte, quando eu comecei a bater na cela, chegou um cara me ameaçando; "Ô, cara, pare com isso! Que barulheira é essa? Você quer apanhar?", não sei o quê. "Não, eu quero sair, não estou preso." "Ah, conta outra", essa coisa toda. Tinham trocado a guarda.

E naquele tempo não existia comunicação de celular ou outra comunicação que facilitasse as coisas. Eu tive que esperar até depois das 10 horas da manhã, quando chegou uma autoridade lá e disse: "Não, ele não está preso, não tem nenhum registro aqui. Ele está falando o certo." Aí, eu saí de Itabuna. Peguei uma carona e cheguei a Salvador no dia 7 de setembro de 1973. O cara que me deu a carona me deixou ali entre o São Bento e a Rua do Paraíso. Eu olhei a placa assim e falei: "Cheguei ao paraíso." Eu tinha aquela coisa mística de hippie e achei que aquilo era um sinal divino.

E, conforme Ernesto falou, à noite eu fui dormir na Lagoa do Abaeté, que eu não sabia que também existia. Minha intenção era dormir ali atrás do Farol da Barra, do lado do mar, porque disseram que alguns hippies dormiam ali. Só que estava muito frio, ali faz muito vento e tal. E alguém falou: "Rapaz, vai lá para a Lagoa do Abaeté que é um lugar que também tem hippie lá." Tudo bem, peguei um ônibus, mas eu não tinha dinheiro nem para pagar a passagem. Mas me levaram até a Lagoa do Abaeté e dormi ali, embaixo de uma amendoeira. Foi a minha primeira noite na Bahia.

Essa amendoeira, não sei se ainda existe, não sei se ainda existe, porque a lagoa foi perdendo água, foi perdendo essa coisa toda, mas, para mim, foi um lugar mágico. Não sei, acho que a Bahia me conquistou, a Bahia me acolheu desde o primeiro momento. Eu não tinha nenhuma intenção de ficar na Bahia, a Bahia seria, para mim, uma passagem e acabou sendo minha residência definitiva.

Aí, fui morar em Berlinque... primeiro, em Arembepe, 1 mês, 1 mês e meio. Depois, fui morar em Berlinque, na Ilha de Itaparica, onde eu fiquei 5 anos. E lá conheci o pessoal, vários jornalistas, e um deles era Rêmulo Pastore, que já é falecido, que me convidou para escrever no *Jornal da Bahia*. Aí, eu fui escrever no *Jornal da Bahia*. Só que quando eu levei a primeira reportagem ele olhou e disse: "Eu não posso publicar isso aqui, não." A reportagem era uma denúncia da devastação de uma árvore chamada bacupari, que demora 40 anos para dar frutos e estava sendo derrubada para dar curso a um loteamento de lá. Aí, Pastore falou: "Cadena, um dos donos desse loteamento é o dono daqui, do jornal. Não pode sair aqui. Vou lhe dar um bilhetinho para você ir lá na *Tribuna da Bahia*. Lá

na *Tribuna* tem João Ubaldo Ribeiro, que é da Ilha, e tem o Zé Ribeiro, que é do segundo caderno, e eu vou lhe dar um bilhete para ir lá."

E foi assim que eu fui parar na *Tribuna da Bahia*, que foi realmente a minha primeira chegada na área da comunicação. Lá, na *Tribuna da Bahia*, conheci o Joaci. Depois, o Joaci me encomendou várias reportagens especiais, e uma delas me marcou muito. Foi que ele me pediu para denunciar o que estava acontecendo no Hotel da Bahia, porque estavam derrubando o mural do Genaro de Carvalho. Joaci disse: "Você tem que ir lá, procure Luísa Queiroz", a mãe de Waltinho Queiroz, que era uma pessoa que estava muito envolvida também com o *Jornal da Bahia*. Eu fui lá fazer a reportagem, e não sei como fiz aquela reportagem, porque Lu da Serra Queiroz gostava muito de tomar uísque e ela me embebedou na casa dela. Eu devo ter tomado uns cinco uísques. Eu saí que não conseguia nem saber o que eu estava fazendo ali. E naquele tempo eu tinha o hábito de não anotar nada, eu fazia tudo de memória, guardava as coisas, depois chegava e escrevia. Mas eu consegui fazer a reportagem depois.

Tem um episódio interessante, vou até contar aqui. O filho de Luísa Queiroz, que não era o Waltinho, pediu uma carona a ela. Aí, ela falou: "Negativo, a carona eu vou dar a ele, ele que está aqui, ele que veio fazer a reportagem. Vocês se virem." "Mas, mãe, eu vou pegar ônibus?" "Pegue ônibus, faça o que quiser, eu vou dar carona a ele aqui." Foi um negócio, assim, muito engraçado.

Depois da *Tribuna*, eu fui para o jornal *A Tarde*, onde fui acolhido por Junot Silveira, Dr. Jorge Calmon, que me encomendava reportagens especiais, tudo que era especial, e principalmente ligado à memória. Um dia, ele me chamou para fazer o livro da ABI. Disse: "Tem que fazer o livro. Eu contratei um historiador..." – não vou dar o nome aqui – "...e ele está enrolado, ele não está fazendo esse livro. Então, eu quero que você faça esse livro." Eu disse: "Não posso fazer, porque eu trabalho aqui, no *A Tarde*, tenho meu expediente... Ele disse: "Já acertei tudo com Artur Couto. Você vai passar a manhã na ABI e, à tarde, você vem aqui para o *A Tarde*, está tudo certo."

Foi assim que eu entrei na ABI. Fiquei 6, 7 meses lá pesquisando, consegui fazer o livro. A diretoria da ABI não foi muito favorável à minha presença lá, e eu descobri isso recentemente, olhando as atas para o livro dos 90 anos. Tinha gente que dizia: "Pô, mas como é que contrata um cara que ninguém nunca ouviu falar, que ninguém conhece? Como é que contrata?" Isso reclamando com Afonso Maciel, que era presidente da ABI. Afonso Maciel disse: "Foi Jorge Calmon que recomendou, se ele recomendou, ele sabe o que ele está fazendo." Mesmo assim, chegaram a sugerir que eu fosse fiscalizado nessa pesquisa. "Tem que fiscalizar para ver o que é que vai sair, ninguém sabe quem é esse cara." Sempre repetiam essas coisas. Mas o livro acabou saindo e não fui convidado para o lançamento. Descobri que tinha sido lançado quando vi a reportagem no jornal. Vieira Rocha me ligou no dia seguinte perguntando: "Por que você não foi?" Eu disse: "Oh, Vieira, eu não fui convidado." Vieira me deu um exemplar, foi o primeiro exemplar que eu recebi, que era o exemplar dela. Quarenta anos depois, eu fiz o livro dos 90 anos, porque o Valter me chamou, junto com Ernesto e Luiz Guilherme.

Eu gostaria, para finalizar, de fazer um registro aqui. Há uns 15 ou 20 anos houve uma proposta para eu ser cidadão baiano, houve uma movimentação, que começou com Luiz Guilherme Pontes Tavares, vice-presidente da ABI, meu amigo há muitos anos, com

Olívia Soares, que está aqui, com Renatinho Ferreira, acho que ele também participou desse movimento todo. E eu, muito arrogante, não quis esse título, não queria, não, e fiquei enrolando. Não disse para eles que não queria, mas fiquei enrolando, empurrando com a barriga. “Mande o currículo.” Não mandei. “Faça isso.” Não fiz. Tudo o que me pediam eu fui tocando para a frente. Depois, houve uma movimentação de Roberto, que está aqui, Roberto Sá Menezes. Roberto acionou um deputado daqui, da Casa, e houve uma mobilização, mas, no final, Ernesto Marques sugeriu a Robinson Almeida para que fizesse essa proposição do meu Título de Cidadão Baiano.

Robinson, eu tive a oportunidade de conhecer quando era secretário de Comunicação nos governos de Jaques Wagner. Robinson me apoiou muito, junto com esta Casa também, em dois livros que eu fiz, que são alguns dos meus melhores livros: "A História do Carnaval da Bahia - 130 anos do Carnaval de Salvador", e o livro "Festas Populares Fé e Folia". Esses dois livros, por acaso, foram parar, muitos deles, vários, em universidades da Europa e dos Estados Unidos. Ainda requisitam de vez em quando porque tem no Rio de Janeiro uma pessoa, um escritório, que se especializou nisso, compra alguns livros e vende para essas universidades. Eu vendi muitos livros para essa representação. Considero, assim, dois dos meus melhores livros. O outro que eu considero assim, pelo trabalho de pesquisa, é o livro que eu fiz dos 470 anos da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, onde eu conheci mais profundamente a Bahia.

Para finalizar, eu quero dizer que talvez eu não mereça esse título. Eu descobri isso recentemente quando visitei a Cidade da Música. A Cidade da Música é um projeto extraordinário que foi feito por Antônio Risério e Gringo Cardia. Já fui três vezes lá, tem mais de 100 vídeos, 150, 200 vídeos, sei lá. E quando assisti àqueles vídeos eu disse: "Pô, como é que eu não conhecia isso?" Porque a ideia que eu tinha da música baiana é o que aparece na mídia, é o que sai no Carnaval. E, de repente, eu descobri que existe uma musicalidade na Bahia que eu não conheço e me senti, assim, diminuído, não é. "Poxa, eu não conheço a Bahia! A música é a alma da Bahia, como é que eu não conheço isso?" E pretendo voltar outras vezes lá para poder entender um pouco mais a Bahia, entender mais os baianos e fazer jus a esse título que recebi agora.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Convido a todos para ouvirmos a execução do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia) (Palmas)

Registro e agradeço também as presenças do Sr. Leonardo Palma, sócio-diretor da Viva Mídia; do Sr. Felipe Vicente, diretor da Viva Mídia; do Sr. Luis Eduardo Lima, sócio da SLA; do Sr. Roberval Luania, vice-presidente da Central de Outdoor Nacional; do Sr. Cláudio Carvalho, diretor da agência de publicidade Moria; da Sr.^a Lígia Aguiar, artista plástica, amiga do homenageado; da Sr.^a Aline Brault, sócia da Agência Marcativa; do Sr. Sérgio Mattos, diretor da ABI; do Sr. Jair Cardoso, procurador jurídico da Câmara de Vereadores do Município de Candeias; do Sr. Lourival Elias, da Associação de Moradores de Itapuã; da Sr.^a Norma Maria, sócia da Okei Mídia Integrada; do Sr. Rafael Pimenta, assessor especial da Ouvidoria Geral do Estado da Bahia; da Sr.^a Verena Guerreiro, da

Rocha Comunicação, amiga do homenageado; e do Sr. Milton Barbosa, da *Rádio Transamérica*.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço pelas presenças às autoridades civis e militares, aos familiares, amigos, à imprensa, e declaro encerrada a presente sessão, sem, antes, deixar de convidar a todos para um bolinho ali no saguão, porque a Bahia não pode deixar de fazer, mesmo que seja pequena, uma festa em relação à chegada formal desse novo cidadão, Nelson Cadena.

Muito obrigado a todos.

Viva Nelson Cadena! (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.